



Vol. 15, nº 2, (2018)

**LITERATURA TRANSCENDENTE DE PAPEL E LETRAS
IMPRESSAS: O FAZER LITERÁRIO DE MIA COUTO**

**TRANSCENDENT LITERATURE OF PAPER AND PRINTED
LETTERS: THE LITERARY MAKING OF MIA COUTO**

Ana Claudia Servilha Martins ¹

Recebimento do texto: 20/07/2018

Data de aceite: 13/09/2018

RESUMO: O presente artigo investiga, no âmbito da Literatura Contemporânea, o desenvolvimento da produção artística do escritor Mia Couto, este que em 1980 publica seus primeiros fazeres literários. Para o estudo das análises propostas, temos como objeto de estudo as obras *Terra Sonâmbula* (1992) e *Antes e Nascer o Mundo* (2009), ambas do respectivo autor em *locus*. As reflexões permeiam diálogos possíveis das páginas literárias que por vezes, possibilitam a inauguração de mundos onde a arte pede para a vida continuar. O engajamento político de pensar o homem e a sociedade perpassam as linhas narrativas dos presentes romances. O indivíduo corrompido, marcado pela guerra colonial (1965-1975) e civil (1976- 1992) como representado nas narrativas miacoutianas, tornam-se substâncias que permitem recriar e aprimorar novas estratégias narrativas, bem como, (re)pensar os sujeitos em sua contemporaneidade.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Contemporânea; Moçambique; Mia Couto.

ABSTRACT: The present article investigates, in the context of Contemporary Literature, the development of the artistic production of the writer Mia Couto, who in 1980 published his first literary works. For the study of the proposed analyzes, we have as object of study the works *Terra Sonâmbula* (1992) and *Antes e Nascer o Mundo* (2009), both of the respective author in *locus*. The reflections permeate possible dialogues of literary pages that sometimes allow the inauguration of worlds where art asks for life to continue. The political engagement of thinking about man and society permeates the narrative lines of the present novels. The corrupted individual, marked by the colonial (1965-1975) and civil war (1976-1992) as represented in the miacoutian narratives, become substances that allow to recreate and to improve new narrative strategies, as well as, (re) to think the subjects in their contemporaneity.

Keywords: Contemporary Literature; Mozambique; Mia Couto.

¹Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários, da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), sob a orientação do Prof. Dr. Agnaldo Rodrigues da Silva. E-mail: anaclaudiaservilha@gmail.com.



Apresenta-se aqui, a partir das páginas de *Terra Sonâmbula* (1992) e *Antes de Nascer o Mundo* (2009), uma perspectiva sobre a produção cultural na qual se insere a literatura de Mia Couto, este que possui sua voz nascida das letras, com sua arquitetura da brincadeira, (re) escrevendo Moçambique nos entre mundos da globalização. Nesse sentido, é importante pensarmos na coexistência de formas tradicionais e modernas ao gênero romance e da Literatura Contemporânea, como passível de reflexão nas produções estéticas do escritor moçambicano.

O gênero romance é a “imitação mais imediata da experiência individual, situada num contexto temporal e espacial, do que outras formas literárias” (WATT, 1990, p. 32). O romance ganhou forma, sentido e espaço retratando, ao longo do século XIX, as possibilidades de representação do homem e suas relações na sociedade burguesa. No século XX o romance se consolidou como gênero adequado para o estudo das representações humanas. No século XXI as personagens do gênero romanesco representa um indivíduo que faz parte de um universo “correspondência entre a vida e a arte” (Ibidem).

Nessa pragmática, em consonância ao discurso de Mikhail Bakhtin (1988), um dos mais influentes pensadores da linguagem e da literatura surgidos no século XX, o surgimento e a evolução do gênero romance ocorrem justamente por representar a pluralidade de vozes que vigoram no cotidiano das sociedades modernas. O mesmo se estrutura como um discurso híbrido, de diversidades ideológicas, representando através das múltiplas manifestações da linguagem e dos diversos gêneros linguísticos, os sujeitos que habitam a vida social. E ao pensarmos no gênero romanesco na contemporaneidade, devemos considerar o que nos diz o estudioso Giorgio Agambem em *O que é o contemporâneo* (2009), no qual o mesmo afirma que o “contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele



perceber não as luzes, mas o escuro” (AGAMBEM, 2009, p. 6). Ou seja, o contemporâneo é aquele que mantém o compromisso com o seu próprio tempo, detendo na busca de uma visão mais clara sobre o presente.

Ressalva-se ainda que:

O compromisso que está em questão na contemporaneidade não tem lugar simplesmente no tempo cronológico: é, no tempo cronológico, algo que urge dentro deste e que o transforma. E essa urgência é a intempestividade, o anacronismo que nos permite apreender o nosso tempo na forma de um ‘muito cedo que é, também, um ‘muito tarde, de um ‘já’ que é, também, um ‘ainda não’. E, do mesmo modo, reconhecer nas trevas do presente à luz que, sem nunca poder nos alcançar, está perenemente em viagem até nós (Ibidem, p. 65-66).

Ainda, segundo Edward Said (2003, p. 251), muitos escritores contemporâneos “funcionam como uma espécie de memória pública: lembram o que foi esquecido ou ignorado, fazem conexões, contextualizam e questionam aquilo que aparece como “verdade” definitiva nos jornais ou na televisão”.

Devidas perspectivas teóricas, subjaz a literatura transcendente de papel e letras impressas da literatura miacoutiana. António Emílio Leite Couto - o Mia Couto - nasceu em Moçambique, na cidade da Beira em 05 de Julho de 1955. Formou-se na área de Biologia e atua como jornalista e escritor literário. A preocupação identitária aparece quase em totalidade em suas obras, por que para o autor, Moçambique é uma história a ser contada, pois “tudo tem um passado que pode em princípio ser reconstruído e relacionado ao restante do passado” (BURKE, p. 11, 1992).

A escritora Maria do Carmo Sepúlveda Campos (2006), em sua obra intitulada *África & Brasil: letras em laços*, nos trás um fragmento retirado da obra *O Gato e o novelo* sobre o pensamento de Mia Couto com relação a sua



identidade, está banhada pelos oceanos e nascentes globalizantes do contexto europeu e africano:

Sou um escritor africano de raça branca. Este seria o primeiro traço de uma apresentação de mim mesmo. Escolho estas condições – a de africano e a de descendente de europeus – para definir logo à partida a condição de potencial conflito de culturas que transporto. Que se vai ‘resolvendo’ por mestiçagens sucessivas, assimilações, trocas permanentes. Como outros brancos nascidos e criados em África, *sou um ser de fronteira* [...]. Para melhor sublinhar minha condição periférica, eu deveria acrescentar: sou um escritor africano, branco e de língua portuguesa. Porque o idioma estabelece o meu território preferencial de mestiçagem, o lugar da reinvenção de mim. Necessito inscrever na língua do meu lado português a marca da minha individualidade africana. Necessito tecer um tecido africano, mas só o sei fazer usando panos e linhas europeias (CAMPOS, 2006, p.59).

A ficção de Mia Couto ambienta os efeitos críticos da colonização e da guerra civil. O autor não deixa de contar histórias que agora se afirmam no período pós- colonial e protagonizam novos homens e mulheres, indivíduos sem fronteiras. Elenca a inconsistência da construção da identidade, apontando um *eu* que está em movimento, buscando construir outros *eus* sem deixar de ser o que é. Nessa dialética, conforme os pressupostos do historiador inglês Peter Burke, “nossas mentes não refletem diretamente a realidade. Só percebemos o mundo através de uma estrutura de convenções, esquemas e estereótipos, um entrelaçamento que varia de uma cultura para outra” (1992, p. 15).

Tais considerações reiteram o que discute Benjamin Abdala Junior sobre o hibridismo das múltiplas culturas. Para ele, o hibridismo mestiçagens sucessivas, assimilações e trocas permanentes, ou como Mia Couto afirma, é o lugar da “reinvenção de mim” (1997, p.59).



Ao contrário do que pensaria um liberal, não significa ausência de tensões entre constituintes heterogêneos – um campo conveniente para a imposição da lei do mais forte, mascarado de competência tecnológica. Pressupõe, ao contrário, a possibilidade de se desenvolver práxis mais ativas, criativas e livres, sem preconceitos, já que todos não deixamos de ser híbridos ou mestiços’ (ABDALA, 2004, p.19).

Mia Couto oferece representações das novas formas e possibilidades de perceber o outro. Essa literatura adentra outros territórios, espaços e culturas. A mesma relata, partindo da ficção, vozes subalternizadas pelo poder colonial e pelas estruturas rígidas do sistema capitalista e neocolonial.

Apresenta o desafio intelectual entre ficção e realidade, em um espaço de negociação entre o presente e o passado, como nos discorre Erich Auerbach em *Mimesis: A representação da realidade na literatura ocidental* (2013). Considerando ainda o discurso crítico de Karl Erik Schollhammer, sobre a perspectiva da literatura como representação histórica/social:

Hoje, olhando para a produção contemporânea, não é difícil identificar os exemplos dessa continuidade e dessa retomada na reformulação do romance histórico em seus diferentes formatos, como, por exemplo, no romance proletário de Luiz Ruffato – *Inferno provisório* –, no romance de formação de Paulo Scott – *Habitante irreal* –, ou na literatura que se debruça de modo etnográfico, documental ou testemunhal sobre a violência e a miséria social das grandes cidades – como em *Cidade de Deus*, de Paulo Lins, ou em *Capão capado*, de Ferréz (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 45).

Lembrando o que foi esquecido ou ignorado, Mia Couto inicia sua literatura com o volume de poemas *Raiz de Orvalho* (1983), e a partir de *Vozes Anoitecidas* (1986), dedicou-se as narrativas curtas: *Cada homem é uma raça* (1990), *Cronicando* (1991), *Estórias Abesonhadas* (1994), *Contos do nascer da terra* (1997), *Mar mequer* (1998), *Na berma de nenhuma estrada*, *O fio das missangas* (2004) entre outros. Seus principais romances são: *Terra Sonâmbula* (1992), *A varanda do Frangipani* (1996), *Vinte e Zinco*



(1999), *O último voo do flamingo* (2000), *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* (2002), *O outro pé da sereia* (2006), *Venenos de Deus, remédios do Diabo* (2008), *Antes de nascer o mundo* (2009), *E se Obama fosse africano?* (2011), *A Confissão da Leoa* (2012), *Mulheres de cinza* (2015), *A Espada e a Azagaia* (2016) e *O Bebedor de Horizontes* (2017).

Os presentes romances encenam o recente sistema literário moçambicano, que reescreve a história nacional pelos liames da ficção. O passado alimenta o presente, o sonho em virtude da realidade, o opressor na face do oprimido, a memória como fuga do esquecimento, a resistência como regra do existir, a oralidade como voz da escrita, esses entre outros elementos confluem e constituem a literatura coutiana.

A obra *Terra Sonâmbula*, primeiro romance de Mia Couto, privilegia os dezesseis anos da guerra civil (1976-1992) em Moçambique. O panorama histórico desse cenário esta presente na escrita do autor que desenvolve personagens, paisagens e contextos engendrados no pano de fundo da guerra, marginalização, desumanização e opressão dos colonizadores para com os moçambicanos.

O romance intercala o narrador em primeira e terceira pessoa, entrecruzam-se as narrativas de Kindzu e do miúdo Muindinga, e o velho Tuahir não desfechando as histórias. Muindinga assume o representar de memórias e vozes silenciadas e traumatizadas coletivamente ao longo da História. Ao desaprender seu nome, sua identidade, o personagem referencia uma nação africana/moçambicana em caminho da reconstrução da própria identidade.

O reaprendizado de Muindinga só ocorre na medida que se põe a ler os cadernos de Kindzu, na medida que conhece pelos descritos o (re)



investimento de sua nova identidade, num processo dialético. O velho Tuahir, ignorante das letras, não lhe despertara a faculdade da leitura:

O miúdo se levanta e escolhe entre os papéis, receando rasgar um folha escrita. Acaba por arranca a capa de um dos cadernos. Para fazer fogo usa esse papel. Depois se senta ao lado da fogueira, ajeita os cadernos e começa ler. Balbucia letra a letra, percorrendo o lento desenho da cada uma. Sorri com a satisfação de uma conquista. Vai se habituando, ganhando despacho.

-Que estás a fazer, rapaz?

-Estou a ler.

É verdade, já esquecia. Você era capaz de ler.

Então leia em voz alta, que é para me adormecer (COUTO, 2007, p. 14).

A escrita aparece como possibilidade de libertação e iniciação, pois à medida que “o miúdo lê em voz alta. Seus olhos se abrem mais que a voz que, lenta e cuidadosa, vai decifrando as letras. Ler era coisa que ele apenas agora se recordava saber” (COUTO, 2007, p. 14).

O velho Tuahir, ignorante das letras, não lhe despertara a faculdade da leitura. “A lua parece ter sido chamada pela voz de Muidinga, a estrada escuta a estória que desponta dos cadernos” (COUTO, 2007, p. 15). O personagem-narrador Mwanito, assim como Muidinga também se liberta a partir da escrita:

E foi assim que começaram as primeiras lições. Uns prendem por cartilhas, em salas de aula. Eu me iniciei soletando receitas de guerra. A minha primeira escola era o paiol. As aulas ocorriam na penumbra do armazém, nos longos períodos em que Zacaria estava ausente, aos tiros pelo mato.

Não tem medo de sermos apanhados, Ntunzi?

Você deve ter medo é de não saber. Depois da leitura, vou ensinar- lhe a escrever.

Não tardou que comessem as clandestinas lições da escrita. Um pequeno graveto rabiscava na areia do quintal e eu, deslumbrado, sentia que o mundo renascia como a savana depois das chuvas. Aos poucos, eu entendia as interdições de Silvestre: a escrita era uma ponte entre tempos passados e futuros, tempos



Vol. 15, nº 2, (2018)

que, em mim, nunca chegaram a existir. (COUTO, 2009, p. 41 – 42)

Analisando a narrativa *Antes de Nascer o Mundo*, percebe-se que Mia Couto continua a trabalhar com esses elementos. Com duas vozes enunciativas, o autor vai construindo dois planos narrativos, Mwanito o primeiro narrador e a portuguesa Marta, segunda voz enunciativa. Sendo assim, percebe-se que as personagens mencionadas enquadram-se no tipo complexo, atuando como personagem e narrador, tendo a sua vida interligada à ação narrativa.

Na perspectiva de Léia Gomes Torres:

Mwanito no início da narrativa não sabia ler nem escrever, já Marta tinha propriedade na escrita. Temos também a representação da voz do colonizado (Mwanito) e a voz do colonizador (Marta). Mwanito dialogando com a tradição e a cultura de origem do povo moçambicano e Marta representando a influência da cultura colonizadora sobre a colônia, a exemplo disso, a escrita em língua portuguesa. A obra coutiana apresenta assim, a dualidade entre tradição e modernidade, numa vertente autobiográfica tanto dos narradores, como do próprio autor. Usa-se a língua (oficial) portuguesa, que já foi objeto de repressão como artifício de libertação (2014, p. 65).

A dualidade entre tradição e modernidade, direcionam possíveis estradas abertas no artifício da libertação, constituí uma base comum da lembrança.

Para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser constituída sobre uma base comum (HALBWACHS, 2006, p. 39).



O personagem Mwanito anseia por uma memória que lhe foi roubada por Silvestre Vitalício, seu pai, este que busca pelo não lembrara compensação pela perda de sua mulher Dordalma em sua terra inventada Jesusalém. É pela negação que o pai de Mwanito busca se reconstruir: “É por isso eu vocês não podem nem sonhar, nem lembrar. Porque eu próprio não sonho, nem lembro. - Mas pai, o senhor não tem memória da nossa mãe? Nem dela, nem da casa, nem de nada. - Já não me lembro de nada” (COUTO, 2009, p. 18).

A narrativa é construída através de novas identidades, buscando seu lugar de pertencimento, como ainda hoje vive o povo moçambicano. Na procura de sua identidade Mwanito quer obter a lembrança da mãe, que pode simbolizar a busca de referencia identitária da pátria moçambicana, Marta quer encontrar o marido Marcelo, que veio a Moçambique na profissão de fotógrafo, e jamais retornou a Portugal.

A figura feminina é constante no romance. As mulheres que habitam o universo de Muidinga, Tuahir e Kindzu contornam os (des) caminhos das personagens. Temos em destaque na narrativa a mãe de Kindzu; a personagem Assma esposa de seu amigo indiano Surendra; a personagem Farida; Euzinha; Carolinda, que é na verdade irmã gêmea de Farida; Lúcia a freira branca; Juliana Bastiana uma prostituta cega; Salima, amante do marido da personagem Virgínia. Enfim, a diversidade das mulheres neste livro instiga atenção e olhares peculiares às individualidades destas figuras femininas.

Mia Couto nas suas ficções traz o passado como um lugar de pesquisa e memória, sendo as personagens principais destacadas na obra Muidinga, Tuahir e Kindzu (pelos seus descritos), importantes unidades da cultura tradicional do país moçambicano.



Os manuscritos de Kindzu apresentam, de acordo com Oliveira (2009, p. 9), “uma fonte inesgotável de sonho e de alegria para Tuahir e Muidinga pobres desgraçados que se encontram no interior de um ônibus incendiado para tentar escapar do inferno da guerra”. Apresentam o imaginário vivo daqueles que almejam no futuro uma sociedade moçambicana livre das opressões coloniais.

O romance *Antes de nascer o mundo*, no cerne do projeto literário de Mia Couto, pontua questões da história recente moçambicana, revelando como em Terra Sonâmbula a emancipação política advinda dos conflitos de colonização e pós-regime colonial no país dos anos oitenta e noventa.

As vozes narrativas, autodiegéticas do romance, enunciam narrativas do *eu*. Na obra existe o confronto entre o lembrar e o esquecer, entre a memória oficial e as memórias subterrâneas. Existe a tensão de personagens que lutam pelo direito à memória e à ressignificação da sua própria identidade. Cinco personagens principais compõem o romance.

Silvestre Vitalício que exerce o papel de pai do jovem Mwanito (narrador inicial da narrativa de Ntunzi, irmão mais velho de Mwanito); Zacaria Kalash; um militar fiel às ordens de Silvestre Vitalício; Tio Aproximado; cunhado de Silvestre e a Jumenta Jezibela; personagem que desperta um sentimento de ternura no amargurado Silvestre. Os presentes cinco personagens correspondem por uma “humanidade inteira”, corresponde à cidade de Jerusalém, “a terra onde Jesus haveria de descrucificar” (COUTO, 2009, p. 11).

Em diálogo ao *locus* discursivo de Mikhail Bakhtin, o gênero romance permite representar a pluralidade de vozes, os discursos híbridos, as diversidades ideológicas, às múltiplas manifestações da linguagem e dos diversos gêneros linguísticos dos sujeitos contemporâneos por intermédio da



ficção. As produções miacoutianas, inserem-se nessa pragmática, no percurso em que os escritores assumem a nacionalidade literária para deixar para trás as marcas do colonialismo. A literatura nacional propõe uma nova reflexão em torno das problemáticas questões e preceitos do processo e percurso pós-colonial.

Conforme Ana Mafalda Leite, “o termo *pós-colonial* pode ser entendido como incluindo todas as estratégias discursivas e performativas (criativas, críticas e teóricas) que frustram a visão colonial, incluindo obviamente, a época colonial” (2012, p.129- 130). Parte das produções literárias pós-coloniais como a produzida por Mia Couto e demais autores contemplam não apenas literaturas como de Moçambique e Angola, mas sentidos críticos sobre o período da colonização, consolidando um sistema literário construído e comprometido com uma literatura de ficção nacionalista.

Acrescente-se que “a Literatura é um processo histórico, de natureza estética, que se define pela inter-relação das pessoas que a praticam, que criam certa mentalidade e estabelecem certa tradição” (CANDIDO, 1972, p.8-9). Em diálogo com Candido, a literatura como processo histórico, de natureza estética, possibilita ao autor, reinventar uma nação, um *lócus*. Possibilita de forma engajada estabelecer inter-relações que colocam em questão um “sujeito de identidades fragmentadas num território de várias línguas e várias etnias, cidadão de um mundo de fronteiras dissolvidas e de continuidades rompidas” (HALL, 2006, p. 21).

Nessa inter-relação estética possível pelo viés literário, Mia Couto atuante entre o jornalismo, a biologia e a literatura, faz um convite à diferença, às fronteiras e matrizes culturais que transitam entre terras e mundos diversos de Moçambique.



Para Ana Maria Oliveira:

Nesse país imerso numa profunda crise econômica e cultural a ficção de Mia Couto mostra a resistência ‘heroica’ daqueles que, por uma veia mítica e pelos caminhos da tradição oral (num processo em que o resgate dessa tradição é um dos pilares principais dessa conquista), ainda ‘ousam’ sonhar e ter esperança, não obstante estarem mergulhados em situações de barbárie, arbitrariedades e abusos de poder. Ficção que potencializa o valor dos sonhos e o seu talento para converter e regenerar a vida faz emergir uma literatura engajada no âmbito histórico e também social, que cria e recria o real opressor e opressivo, traços gritantes no Moçambique colonial e pós-colonial (2009, p.01).

Sua escrita presentifica o exercício de diferentes formas de poder cultural “em parte por causa do império, todas as culturas estão interligadas: nenhuma está isolada e pura, todas são híbridas, heterogêneas, extraordinariamente diferentes e não monolíticas” (SAID, 2003, p.34). O escritor reinventa falares, expressões e marcas linguísticas multiculturais moçambicanas. Moçambique pós-colonial atravessa um novo momento histórico, político e cultural. Os elementos culturais portugueses integram no presente, os elementos da cultura moçambicana.

Em consonância a Benjamin Abdala (2002, p.46), “o indivíduo se constitui a partir do outro”. O singular não cabe no aqui e agora, o indivíduo moçambicano é um sujeito composto no plural das identidades do presente. O mosaico cultural, miscigenado é referencial temático de Mia Couto, autor atento às transformações que integram a base de sua formação. Afirma Bosi (1983, p. 141) que “o poeta é um doador de sentidos”.

Nesse viés podemos pensar no projeto literário de Mia Couto, como o compromisso político de pensar o homem e a sociedade moçambicana. Em complemento ao pensamento de Bosi, recorreremos a Benjamin Abdala quando este nos diz que:



Nestes inícios do século XXI, onde não apenas a intelectualidade, mas o conjunto da população trabalhadora circula por vários países, radicando-se nas periferias dos grandes centros da globalização neoliberal, essa perspectiva multidentitária não deixa de ser relevante, colocando-se como extensiva a essa população nômade (e a intelectualidade) a maneira de sentir a realidade similar à de Joaquim Nabuco o sentimento de que falta alguma coisa, só capaz de ser preenchido, eliminando-se essa sensação de ausência, se o indivíduo (o brasileiro culto) se colocar como cidadão de vários países (pelo menos de dois). Essa perspectiva de fronteiras múltiplas (o homem dividido ou integralizado em pelo menos duas fronteiras), onde ele se desenraiza de sua terra de origem sem se enraizar na terra de origem dos outros, coexistindo com grupos sociais migrantes de outras culturas, pode constituir um hábito crítico. Através desses contatos e ausências, próprios de uma população nômade, em constante circulação e deslocamento, a identidade afirma-se ainda mais como um constante vir-a-ser, sem um porto de chegada (2003, p. 53).

A perspectiva de fronteiras múltiplas do homem dividido ou integralizado duas ou mais fronteiras, lembra-nos Mia Couto na sua condição mestiça (Moçambique/Portugal) e a composição mosaica das suas personagens, que buscam se desenraizar de sua terra de origem, arrasada pela guerra e suas consequências, sem se enraizar na terra de origem dos outros, coexistindo como Abdala acrescenta grupos sociais migrantes de outras culturas, que podem constituir um hábito crítico. Não devemos pensar as culturas nacionais como unificadas, e sim pensá-las como constituindo um dispositivo discursivo que representa a diferença como unidade ou identidade.

Pois as mesmas são “atravessadas por profundas divisões e diferenças internas sendo “unificadas” apenas através do exercício de diferentes formas de poder cultural” (HALL, 2006, p. 62). A reflexão proposta por Hall encaixa-se ao projeto estético de Mia Couto, o emprego da sintaxe, o uso dos neologismos e a recriação dos vocábulos são constantes na sua arteficialidade.



verbal. Em uma visão crítica literária, Tânia Macêdo e Vera Maquêa nos lembram que:

Com uma escrita fortemente vinculada à terra, os romances e contos de Mia Couto contribuíram para a inscrição dos territórios, florestas e savanas de Moçambique no cenário das literaturas de língua portuguesa, dando visibilidade ao interior do país com suas paragens singulares, sua população e suas culturas, em um duplo movimento de regionalização e universalização, na medida em que, aspirando à universalidade de seus textos, prendem-se fortemente ao solo moçambicano (2007, p.40).

Produzindo uma literatura que visibiliza o interior de Moçambique, sob a influência da leitura de autores como Luandino Vieira, Manoel de Barros, Guimarães Rosa e Joyce, o solo moçambicano vai ganhando novos contornos, cores e vozes na estética miacoutiana, esta que recorre aos princípios da oralidade para reescrever cantos, lendas, provérbios e ditos tradicionais africanos e moçambicanos que fazem referência ao discurso da linguagem falada pela população nativa do país.

Na práxis tecida por Bhabha, mesmo Moçambique tendo atravessado um momento de decisões interdependentes do processo de colonização, o país ainda está sujeito às marcas específicas de outras sociedades e identidades ali presentes em seu processo de consolidação histórica, social e antropológica. Mia Couto no (re) apresentar de vários elementos direta ou indiretamente relacionados à cultura e costumes moçambicanos locais.

Explora a inserção de um novo olhar as diferenças e tradições, enuncia o caminho possível pelo hibridismo cultural, pelo universo e espaço em que podemos “emergir como os outros de nós mesmos” (BHABHA, 2001, p.61). Com seu empenho literário à ficção ganha contorno e torna-se objeto de interrogação e investigação acerca da relevante construção de novos significados ao processo histórico e identitário da nação moçambicana



contemporânea. “Já não se trata, pois, um mero processo de evocação ao passado, mas a sua explicação para que funcione como factor interior ao presente” (MATA, 2001, p. 69). O olhar de biólogo de Mia Couto acrescenta a sua literatura uma sensibilidade tamanha em re-desenhar pela ficção as comunidades locais/rurais do país.

Segundo Fernanda Cavacas:

Como biólogo que ele contata populações e (re) aprende a genuinidade de comunidades não urbanas que ainda vivem segundo as tradições dos antepassados e delas lhe vão dando conta. É um movimento circular este: o escritor ‘alimenta-se’ das vivências do biólogo e o biólogo prepara-se para novas vivências através da imaginação do escritor. Esta aprendizagem das realidades existentes no país autêntico é tanto mais enriquecedora quanto diversificada é a composição étnica das nações moçambicanas (2006, p. 64).

Passado e presente, oralidade e escrita, tradição e modernidade entrecruzam o caminho da literatura miacoutiana, costuram as raízes culturais de Moçambique e atravessam o tempo e as margens dos rios, mares e oceanos do continente africano. Como o próprio autor grifa “a chamada *identidade* moçambicana só existe na sua própria construção, é preciso fazer um bocadinho o caminho com duas pernas: tem que ter um pé na tradição e outro pé na modernidade” (COUTO, 2005, p. 208).

Conforme Regina Dalcastagnè, em seu artigo *Um território contestado: literatura brasileira contemporânea e as novas vozes sociais*:

Hoje, cada vez mais, autores e críticos se movimentam na cena literária em busca de espaço – e de poder, o poder de falar com legitimidade ou de legitimar aquele que fala. Daí os ruídos e o desconforto causados pela presença de novas vozes, ‘não autorizadas’; pela abertura de novas abordagens e enquadramentos para se pensar a literatura; ou, ainda, pelo debate da especificidade do literário, em relação a outros modos



Vol. 15, nº 2, (2018)

de discurso, e das questões éticas suscitadas por esta especificidade (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 26).

Nesse viés, Moçambique é uma história a ser escrita agora, em tempos, espaços e identidades diversas que instituem uma paisagem complexa da modernidade. O autor declara que a “chamada “identidade moçambicana” só existe na sua própria construção. Ela nasce de entrosamento, de trocas e destrocas. No caso da literatura é o cruzamento entre a escrita e a oralidade” (COUTO, 2005, p. 208).

A tradução de universos pelo entrosamento de trocas e destrocas e o caminho literário de Mia Couto incorpora essa dinâmica. O mesmo afirma que para ganhar existência na atualidade, no terreno da modernidade:

Moçambique deve caminhar pela via da escrita. Entramos no mundo pela porta da escrita, de uma escrita contaminada (ou melhor fertilizada) pela oralidade... [...]. No fundo o meu próprio trabalho literário é um bocadinho esse resgate daquilo que se pode perder, não porque seja frágil, mas porque é desvalorizado num mundo de trocas culturais que se processam de forma desigual. Temos aqui um país que está a viver basicamente na oralidade. Noventa por cento existem na oralidade, moram na oralidade, pensam e amam nesse universo. Aí eu funciono muito como tradutor. Tradutor não de línguas, mas desses universos... (COUTO, 2005, p. 208).

Na inquietude e resgate daquilo que se pode perder, em um mundo de trocas culturais que se processam de forma desigual e desvalorizam a cultura do outro.

A escrita miacoutiana confronta posicionamentos históricos e possibilita aos personagens dos romances que desenvolve a (re) invenção das identidades abaladas pelo trauma e pela inquietude da memória. Segundo Seligmann-Silva (2000, p. 84), “o trauma é justamente uma ferida na memória”.



A descolonização não é um processo que se efetiva de forma unificada e homogênea. O continente continua demarcado pelo jugo colonial, mesmo com histórias díspares, os países africanos continuam submersos aos olhares desacreditados da subversão de culturas. As narrativas miacoutianas trabalham justamente no campo da experiência plena do evento, que por vezes ultrapassa os limites da nossa capacidade de compreensão e discernimento. Para Cavacas, Chaves e Macêdo,

escrevendo de Moçambique, e sobre Moçambique, ele não parece preocupado em limitar sua obra a um país, ainda que seja o seu a estar tão presente nos textos. Sua obra convida à reflexão sobre a literatura e sua perenidade em tempos e espaços vários (2013, p. 16).

Conclusão

O presente artigo apresenta uma abordagem dos romances *Terra Sonâmbula* (1992) e *Antes de nascer o mundo* (2009) do escritor moçambicano Mia Couto. O mesmo procura analisar e discutir os elementos do gênero romance, considerando unidades da tradição e da modernidade que compõem as respectivas obras.

Pelo estudo das presentes narrativas, procura-se compreender de que maneira o recente sistema literário moçambicano reescreve a história nacional pelos liames da ficção. Na literatura miacoutiana se encontra a artesanaria da palavra, dos vocábulos, da oralidade e da escrita.

Encontram-se o cotidiano de aldeias e comunidades do interior do país moçambicano. Insere-se a valorização do passado ancestral e cultural do país para que este continue sendo relevante na contemporaneidade, pois conforme Antonio Candido:



Vol. 15, nº 2, (2018)

Há no estudo da obra literária um momento analítico que precisa deixar em suspenso problemas relativos ao autor, ao valor, a atuação psíquica e social a fim de reforçar a concentração necessária na obra como objeto de conhecimento e há um momento crítico, que indaga sobre a validade da obra em sua função como sistema de projeção da experiência humana (1965, p. 89).

A experiência humana da nação multicultural moçambicana está discutida na literatura de Mia Couto. A oralidade e a escrita construída nas obras em análise exprimem uma literatura engajada ao símbolo da resistência cultural do século XX. Recorrendo aos diálogos de Froehlich (2011, p. 22), “as narrativas de Mia Couto entremeiam-se ao lirismo particular à sua escrita inovadora, esvaziando-se de significados cristalizados e revelando outras linguagens”.

Os romances de Mia Couto simbolizam a resistência do indivíduo moçambicano, simbolizam o inconformismo daqueles que sonham o sentido da liberdade e nos possibilitam uma reflexão sobre o lugar de Moçambique na literatura e no mundo.

Nessa dialética, como indaga Regina Dalcastagnè:

Afinal, o significado do texto literário – bem como da própria crítica que a ele fazemos – se estabelece num fluxo em que tradições são seguidas, quebradas ou reconquistadas e as formas de interpretação e apropriação do que se fala permanecem em aberto. Ignorar essa abertura é reforçar o papel da literatura como mecanismo de distinção e da hierarquização social, deixando de lado suas potencialidades como discurso desestabilizador e contraditório (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 32).

A literatura desenvolvida por Mia Couto e demais escritores da sociedade contemporânea, estabelece o fluxo discutido por Dalcastagnè em que tradições são seguidas, quebradas ou reconquistadas, para que ocorra a



abertura e o reforçar do papel da literatura como mecanismo de enfrentamento à distinção e a hierarquização social.

A confluência entre passado e presente reforça a (re) atualização do homem que busca respostas para lidar melhor com seu tempo e seus entraves. E ser contemporâneo significa, nesse sentido, “voltar a um presente em que jamais estivemos” (AGAMBEM, 2009, p. 70).

Referências

ABDALA JR. Benjamin (Org.). **Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo e outras misturas**. São Paulo: Boitempo, 2004.

_____. **Literaturas de Língua Portuguesa: Marcos e Marcas**. Portugal: Editorial Caminho, 2002.

_____. **Fronteiras múltiplas, identidades plurais - um ensaio sobre mestiçagem e hibridismo cultural**. Portugal: Editorial Caminho, 2002.

AGAMBEM, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Chapecó, SC: Argos, 2009.

AUERBACH, Erich. **Mimesis**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e de Estética. A Teoria do Romance**. Editora Hucitec Ltda. 5. ed. São Paulo: Annablume, 2002.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 43 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Unesp, 1992.

CÂNDIDO, A. **Pensamento e militância**. São Paulo: Humanistas, 1999.

CAMPOS, Maria do Carmo Sepúlveda. **África & Brasil: letras em laços**. Maria Teresa Salgado. São Caetano do Sil: Yedis Editora, 2006.



- COUTO, Mia. **Terra Sonâmbula**. São Paulo: Companhia das Letras 1992.
- _____. **Antes de Nascer o Mundo**. São Paulo: Companhia das Letras 2009.
- COUTINHO, Afrânio. **Introdução à literatura no Brasil**. 17º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- _____. **A literatura no Brasil**. Eduardo de Faria Coutinho. 6ª ed. - SP: Global, 2002.
- DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Vinhedo: Horizonte, 2012.
- FROEHLICH, Neila Salete Gheller. **História e Tradição em Terra Sonâmbula de Mia Couto**. Tangará da Serra- MT, 2011.
- HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- _____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Lauro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- MACÊDO, Tania; MAQUÊA, Vera. **Literaturas de língua portuguesa: marcos e marcas**. Moçambique. São Paulo: Arte e Ciência, 2007.
- MÂQUEA, Vera. **A escrita nômade do presente: literaturas de língua portuguesa**. São Paulo: Arte & Ciência, 2010.
- OLIVEIRA, Ana Maria Abrahão dos Santos. **As impermanências da paisagem em Terra Sonâmbula: Sonho e Resistência**. Artigo disponível em: http://www.uff.br/revistaabril/revista-02/009_ana%20maria%20oliveira.pdf.
- REZENDE. Irene Severina. **O Fantástico no contexto sócio-cultural do século XX: José J. Veiga (Brasil) e Mia Couto (Moçambique)**. Alto Araguaia/ MT: 2010



Vol. 15, nº 2, (2018)

- ROCHA, Enilce Albergaria. **A narrativa ficcional e a identidade cultural: a guerra pós -independência em Moçambique na escrita de Mia Couto.** In: DELGADO, Inácio G. **Vozes (além) da África.** Juiz de Fora: Editora UFJF, 2006.
- SAID, Edward. W. **Cultura e Imperialismo.** Tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das letras, 1995.
- SELIGMANN, Silva. **História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.
- SCHOLHAMMER, Karl Eric. **Ficção brasileira contemporânea.** São Paulo: Civilização Brasileira, 2009.
- TORRES, Léia da Silva Gomes. **Entre literatura e opinião: Vida Intelectual de Mia Couto pelas obras Antes de Nascer o Mundo e Pensatempos.** Tangará da Serra- MT, 2014.
- WATT, I. **A ascensão do romance.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.